

Transferindo-se para o Rio, em 1966, realizou, três anos depois, o primeiro episódio de um filme idealizado em três partes, **Manhã Cinzenta**, sobre a vida na cidade. Este filme, que obteve o grande prêmio do Festival Internacional de Manheim, Alemanha, não foi exibido comercialmente no Brasil.

Até 1972, Olney São Paulo ficou afastado do cinema, e foi neste período que transformou o roteiro de **Manhã Cinzenta** no livro **A Antevéspera e o Canto do Sol**.

Entre **Manhã Cinzenta** e seu terceiro longa-metragem, **O Forte** (1974), foi através de documentários que Olney São Paulo passou a discutir a realidade brasileira. Em associação com alguns produtores e recorrendo ao seu próprio salário de bancário, realizou **O Profeta de Feira de Santana**, sobre Raimundo de Oliveira (1971); **Cachoeira, Documento da História** (1972); **Como Nasce uma Cidade** (1973); **Teatro Brasileiro: Origem e Mudança** e **Teatro Brasileiro: Novas Tendências**, ambos de 1974.

Tendo comprado os direitos de **O Forte**, de Adonias Filho, em 1967, começou a filmá-lo em 1974. Também nesse ano produziu o curta-metragem **Memória de um Fantoche**, de seu filho Ilya, de 11 anos. Em 1976 realizou os documentários **Os Ciganos do Nordeste** e **Feira de Santana**, seguidos, em 1977, de **Sob o Ditame de Rude Almages-to**, **Sinais de Chuva** e **Pinto Vem Aí**, detentor de um dos prêmios do Festival de Curta-Metragem do JB.

No momento de sua morte, terminava **Dia de Erê**, sobre os festejos de Cosme e Damião nos subúrbios do Rio, e trabalhava em dois projetos, um filme policial e outro histórico. O primeiro analisava a omissão das testemunhas de um crime e **A Guer-**

ra dos Alfaiates tinha como tema a **Conjuração Baiana de 1798**.

Olney definia o cinema como o meio de se conversar, ao mesmo tempo, com muitas pessoas e não conseguiu ver realizado o sonho de mostrar seus filmes em praça pública. Foi um diretor que ficou pouco conhecido do grande público, pois sua filmografia de longa metragem, com a exceção de **O Forte**, não foi exibida no Brasil, e seus documentários ficaram confinados aos cine-clubes, cinematecas e festivais.

M. D. O.

IV FESTIVAL DE PENEDO

Realizou-se, em janeiro, o IV Festival do Cinema Brasileiro de Penedo, organizado pela Ematur, Empresa Alagoana de Turismo S/A.

A esta mostra concorreram 14 filmes em super-8, de realizadores alagoanos: **Medicina Popular**, **Cerâmica Utilitária Cariri**, **Meu Nome é Miss Paripueira**, **O Penedo dos Velhos Tempos**, **O Jornal**, **Briga de Galos**, **Guerreiro**, **Fantástico Sonhador**, **Orgasmo**, **Prémex — O Cérebro Eletrônico**, **A Sombra da Morte**, **O Divórcio**, **Alvío e Naturezatera-pia**.

Do júri, presidido por Maria Leite Ribeiro, da Embrafilme, participaram Abrão Berman (do Grife, de São Paulo), Pola Vartuk (do Jornal O Estado de São Paulo), Carlos Fonseca (Mobral), Leila Freitas (Embrafilme), Jofre Soares (ator), Ruy Sampaio (jornalista), Elinaldo Barros (Jornal de Alagoas), e Marcial Lima (**Gazeta de Notícias**).

Ao melhor filme, **Cerâmica Utilitária Cariri**, de Celso Brandão, coube o prêmio de Cr\$. . . 10.000,00, oferecido pelo Senac,

e o Troféu Canoa de Ouro, da Ematur. Celso Brandão, que, em 77, havia conseguido o segundo prêmio com **Alegrando**, obteve também o terceiro lugar da mostra (Cr\$ 6.000,00) com **Medicina Popular**.

Outro premiado no Festival anterior, o diretor José Márcio, conquistou, em 78, o segundo lugar (Cr\$ 8.000,00) com o filme **Meu Nome é Miss Paripueira**.

As menções honrosas (Cr\$ 4.000,00) foram atribuídas à antropóloga Vera Calheiros (pesquisa e texto do filme vencedor) e a Manoel da Nóbrega, pelo esforço de realização de um filme de animação, **Fantástico Sonhador**.

Na Mostra Informativa foram exibidos os longas-metragens: **Tenda dos Milagres**, **Crueldade Mortal** e **O Crime do Zé Bigorna**; e os curtas-metragens: **Conversa com Cascudo**, **Carro de Boi**, **Festa de São João no Interior da Bahia**, **Sangue e Suor — Saga de Manaus**, **Casa Grande e Senzala**, **O Grande Circo Místico**, **O Homem e o Limite** e **Di Cavalcanti**.

M. D. O.

CINEMA UNIVERSITÁRIO

A cinematografia paraibana, congelada desde **Aruanda**, **Cajueiro Nordestino**, **Os Romeiros da Guia**, **O Sertão do Rio do Peixe** (São Saruê) e **Feira**, ressurge em Campina Grande, na Universidade Regional do Nordeste, pelas mãos de alunos e professores decididos a fazer cinema. **Maria Coragem** é a segunda experiência do cinema experimental universitário, em longa metragem, realizada no Brasil, cabendo a primeira a São Pau-